

Mate' viva

DIRECTOR. VICTOR SOUSA

SEMANÁRIO

ANO I N.º 29 — PREÇO 3\$50 — 19/1/1977

DE SEMANA A SEMANA

Quem semeia ventos...

O barco em que a revolução portuguesa acabou por embarcar, não foi, com certeza, nem o melhor, nem o escolhido pela maioria daqueles que a fizeram. Foi o barco que nos arranjaram aqueles que se dizem técnicos da revolução, que afirmam perceber de barcos.

Estamos, portanto, embarcados num certo barco. E é forçoso que naveguemos, que não nos deixemos afundar. Não vale agora dizer que o barco não presta. Preciso é aguentá-lo e mantermo-nos vigilantes para permanecermos vivos até que as condições nos permitam construir um barco melhor.

Vem isto a propósito das declarações prestadas pelo dr. Sá Carneiro ao matutino «El País», na sua recente deslocação a Espanha. Aí, entre outras afirmações não menos graves, declarou aquele dirigente do PSD que «Portugal está à beira da bancarrota», tendo, ao mesmo tempo, atacado o Governo e o Partido Socialista, acusando-o de «incompetência e de corrupção».

Ora, nesta etapa da nossa viagem no curso da História, e dado o caminho escolhido, os empréstimos externos são um dos vários males de que não poderemos prescindir. São bem conhecidas as dificuldades que os países capitalistas já nos estão a levantar e as condições que nos vêm pondo para a concessão de empréstimos, de tal modo que cada vez é mais difícil salvar a precária independência que ainda temos. E, na nossa opinião, a entrevista do dr. Sá Carneiro não veio ajudar nada.

Por outro lado, são também imprescindíveis ao equilíbrio da nossa balança de pagamentos as remessas dos emigrantes que não devem ter ficado nada tranquilos com as alternativas que o dr. Sá Carneiro apontou: a bancarrota ou a dependência do estrangeiro.

Um outro mal de que também não poderemos prescindir agora são os investimentos estrangeiros. E aquelas afirmações do presidente do PSD provocarão, com certeza, além do abrandamento da afluência de capitais, um nível muito mais elevado de exigências para cobrir os riscos que Sá Carneiro apontou.

O dr. Sá Carneiro tenta, de há muito, no mínimo, uma representação do seu partido no Governo Constitucional. Perante o insucesso da sua actuação a nível interno, deve ter posto grandes esperanças nesta sua deslocação a Espanha, da qual esperaria um reforço da sua projecção política de modo a elevar o grau das pres-

(Conclui na pág. 3)

ATAQUE À IGREJA DE LOUROSA

No passado dia 9, pelas 6.30 horas, quando o sacristão se dirigia para a igreja, um grupo de homens de Lourosa, Moselos e Oleiros, exigiram-lhe as chaves. Entrando dentro da igreja, trancaram as portas e mudaram a fechadura da porta por onde saíram.

Por volta das 10 horas da manhã o povo ordeiramente consegue abrir a porta e assim já celebrar a

Eucaristia marcada para as 11.15 horas.

Este acontecimento não aparece isolado. É o último duma série — e pensamos não ser o último — que tem como autores os exploradores e seus lacaios de sempre, como diz uma circular feita pelo Grupo L.O.C. de Lourosa: «os principais responsáveis de agora, são os mesmos que estiveram na origem do assassinato

(Continua na pág. 3)

GRIJÓ

No lugar da Póvoa, 56 anos de Teatro



(Leia na página 3)

Dez tostões são dez tostões...

Vou contar-lhes um caso interessante. Trata-se do café que muitos de nós tomamos, a velha «bica».

Como sabemos, o café custa 4\$50 desde há algum tempo. Mas a lei que fixou este novo preço estipulava também 3\$50 para o café tomado ao balcão.

Ora ultimamente têm acontecido coisas estranhas. Alguns estabelecimentos continuam a servir a «bica» a 4\$50 na mesa e a 3\$50 ao balcão. Outros, invocando uma leitura mais correcta da legislação publicada, entenderam proceder de modo diferente.

Há tempos tomei a minha «bica» ao balcão de um café. O empregado cobrou 4\$50. Porquê? Segundo ele, o balcão fazia serviço de snack-bar, tinha uns bancos; nestes casos era

permitido por lei cobrar 4\$50. Como nas mesas. Só nos balcões sem bancos é que não...

Tempos mais tarde tomei a «bica» ao balcão de um outro café, este já sem bancos, sem serviço de snack-bar. Foram-me cobrados 4\$50. Protestei. Explicou-me o patrão: este é um balcão de serviço, não é destinado a atender clientes. Por isso a lei permite cobrar 4\$50. «Isso dos 3\$50 é só para os outros balcões, aqueles que têm bancos e fazem serviço de snack-bar.»

Foi assim que se passaram as coisas.

Temos, portanto, vários tipos de cafés:

1 — Os que cobram, pela «bica», 4\$50 na mesa e 3\$50 no bal-

cão, tenha este bancos ou não;

2 — Os que cobram 4\$50 na mesa e 4\$50 no balcão, alegando que este faz serviço de snack-bar (outros não pensam assim).

3 — Os que cobram 4\$50 na mesa e 4\$50 no balcão, alegando que este não faz serviço de snack-bar (outros não pensam assim).

Temos vários tipos de cafés. Temos vários preços. Mas temos só uma lei. Só uma tabela.

Onde é que está o gato? Sim,

(Conclui na pág. 6)

Câmara Municipal Divisão de Tarefas

Na primeira reunião da nova Câmara Municipal de Espinho, realizada no passado sábado, dia 15 do corrente mês, foram repartidos os cargos, os pelouros que ocuparão os seus actuais membros. Da importância desta repartição de tarefas, desta responsabilização por parte dos elementos que actualmente constituem a Câmara da necessidade de informar o público, de o pôr ao corrente do que se passa, de saber com quem pode contar, a razão desta notícia.

A divisão:

Artur Pereira Bártolo (Presidente) — Secretaria, Tesouraria, Polícia, Instrução e Biblioteca;
António Alberto Alves (Vice-Presidente) — Imprensa, Desporto e Serviços de Saúde;
Alexandre Castro Lima — Cemitério, Parques e Jardins;

(Conclui na pág. 3)

CINEMAS

S. PEDRO

Dia 20, Quinta-feira — «O Meu Cavalo, a Minha Pistola, a Tua Viúva» — Maiores de 13 anos.

Um cavalo e uma viúva, uma pistola e o falecido marido da viúva, ou, a viúva, o cavalo e a pistola, ou ainda, o nosso conselho para não ir ao cinema. Não vale a pena.

Dia 21, Sexta-feira — «O Vale dos Perdidos» — Maiores de 13 anos.

O amor livre, uma história mal engendrada, um argumento descabido de interesse. Mais um filme igual a muitos que se fazem por este mundo fora, sem nada de novo a dizer quer no campo artístico, quer no campo social.

Dia 22, Sábado — «O Fugitivo da Ilha do Diabo» — Maiores de 18 anos.

Na programação duma sala de espetáculos não poderão faltar os filmes de acção, de violência. Uns mais bem feitos, outros mais inocentes, menos tendenciosos. E ao sábado como é tradição não poderá faltar a película de aventuras. Se quiser ir, a responsabilidade é sua, ficando certo que não vai ver mais do que uma história emocionante.

Dia 23, Domingo — «Pato com Laranja» — Maiores de 13 anos.

Já reparou que esta semana ainda não recomendamos abertamente nenhum filme? É agora a sua vez de ir ao cinema descansado, não porque estejamos perante uma obra de grande valor, mas é uma comédia bem conseguida que merece a sua atenção.

Dia 25, Terça-feira — «Dilema em Noite de Núpcias» — Maiores de 13 anos.

«O filme que todos os jovens casais devem ver, antes que seja demasiado tarde». Pois claro, resolver um dilema em noite de núpcias deve ser bastante incómodo. Como incómodas e improdutivas se tornam certas películas.

CASINO

Dia 19, Quarta-feira — «Os Teatros Eróticos de Paris» — Maiores de 18 anos.

Qualquer que seja a sua opção nunca se deve esquecer de distinguir o gratuito do necessário, o banal do original, o medíocre da qualidade.

Dia 20, Quinta-feira — «César e Rosália» — Maiores de 13 anos.

Uma reposição duma película francesa sem grande interesse, apenas apoiada nas interpretações de Yves Montand e Romy Schneider.

Dia 21, Sexta-feira — «A Trama» — Maiores de 18 anos.

Quando a banalidade se generaliza, é-nos muito difícil comentar os filmes, pois arriscamo-nos a cair em repetições. Tire, se quiser ir ao cinema, as suas próprias conclusões.

Dias 22 e 23, Sábado e Domingo — «O Direito de Nascer» — Maiores de 14 anos.

Não há palavras para adjectivar um filme tão mau, tão reaccionário, tão ridículo.

Dia 24, Segunda-feira — «Chamada para a Morte» — Maiores de 13 anos.

Uma realização de Alfred Hitchcock! Um filme de «suspense» que deve ver.

VISTA OS SEUS FILHOS

na BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 — ESPINHO

TOMADA DE POSIÇÃO

Ramon Miravall é o delegado da Orquestra Sinfónica do Porto (RDP) e é também professor no Liceu Nacional de Espinho.

Tem sido ele o grande responsável pelo que acontece, a nível musical, naquele estabelecimento de ensino e algumas coisas bem importantes com efeito lá têm acontecido.

A nível de dinamização Ramon Miravall tem ideias muito firmes e é um lutador incansável. Daí que tenhamos sido surpreendidos pela prosa reaccionária e embrulhada em papel molhado de um «objectivo» jornalista da nossa praça o qual ficou, pelos vistos, muito escandalizado com a presença da Orquestra Sinfónica do Porto (R.D.P.) no Liceu, dinamizando entusiasticamente uma

porção de alunos que até então nunca haviam «sonhado» em assistir a um concerto.

Realmente, para uma burguesia que pensa ter o exclusivo das manifestações de arte é «chocante» que os estudantes filhos de camponeses, operários e pescadores assistam a concertos, aprendam música, toquem instrumentos que não sejam a harmónica, o bombo, os ferrinhos e o acordeão porque, esses sim, contribuem para o «folclore» com que a burguesia se diverte...

Daí a nossa tomada de posição que é de apoio a Ramon Miravall e a todos os Ramon's Miravall's que neste país, correctamente, estabelecem as prioridades para o Povo e a que o Povo tem direito!

Orquestra Sinfónica de novo no Liceu

No passado dia 7 de Janeiro pelas 17,30 horas de novo a Orquestra Sinfónica do Porto veio até ao Liceu dar mais um concerto, integrado numa série dedicada aos jovens. Desta vez com mais um atractivo: um jovem solista de 15 anos que iria tocar um concerto de violoncelo e orquestra.

Devido a atraso, o maestro José Atalaya limitou-se a apresentar o jovem violoncelista, Paulo Gaio Lima, não fazendo qualquer referência ao tipo de obra que iria ser executado, seu estilo, seu autor, o que foi pena.

O jovem Gaio Lima fez a sua estreia com orquestra (pois foi mesmo estreia!) de maneira auspiciosa: já boa técnica, muita presença de espírito e uma sobriedade de interpretação notável de acordo com o estilo de Vivaldi. Muito aplaudido pelo auditório repetiu o último dos quatro andamentos que compunham o Concerto em mi menor.

Seguidamente a Orquestra executou o 2.º e 4.º andamentos da 3.ª Sinfonia de Beethoven, denominada de «Heróica». Durante a sua execução o au-

ditório que até então se encontrava cheio, reduziu-se um pouco devido talvez ao adiantado da hora.

No fim, os mesmos vibrantes aplausos de sempre, o que demonstra o apreço que os jovens estudantes têm já por estas audições, o que vem contra certas opiniões que parecem querer manter a música como propriedade privada de certas classes que pelas suas possibilidades financeiras a ela podem chegar como executantes, como aprendizes ou como simples ouvintes. É tempo de as orquestras irem até outros locais e muito especialmente vir chamar as camadas jovens, como foi o caso.

Assim espera-se mais vindas da Orquestra a Espinho. Convém no entanto não esquecer outros estabelecimentos locais de ensino que também querem ver, ouvir e «sentir» a Orquestra. E estamos a referir muito concretamente à Escola Industrial e Comercial que após a realização de um concerto já há largos meses, tem vindo a ser preterida a favor do liceu. Cremos que o seu polivalente tem também um mínimo de condições para a Orquestra e esperamos que seja lembrada para a próxima vez.

Carro roubado

Queixou-se à P.S.P. Domingos de Oliveira António, residente em Espinho, na Rua 14, n.º 1041, de lhe terem furtado o automóvel, de matrícula francesa 1816TT75, marca «Peugeot».

Com o carro foram-se também 23 contos, deixados no interior. A P.S.P. averigua.

Droga

A P.S.P. deteve José Manuel Alves Ferreira, de Rio Maior, Paços de Brandão, por abuso de droga.

O Hospital de Recuperação vai ocupar-se do detido.

Encontrado morto

Só, em tecto cedido por caridade, apareceu morto o ex-varredor Álvaro Ferreira Alves, solteiro, de 58 anos.

mostrando indiferença que se resolvem os problemas deste país.

Para bem deste país será necessário que se corrijam estes erros e se enverede por caminhos mais humanos.

Alberto Alves de Almeida

Nós e o Leitor

Recebemos dum leitor a carta que a seguir se publica, acerca de um episódio do quotidiano que por ele foi presenciado. A sua opinião:

A evolução e os seus inimigos

Para o autor deste artigo sentimentos significam fraternidade, mas o inimigo espreita em todos os momentos e vai conseguindo os seus fins. Este facto passou-se em Espinho!

Uma criança vendendo uns livros e uns jornais em diminuída quantidade. Um senhor começou logo a pensar que esta criança começasse já a ganhar fortuna e abeirando-se dum agente da autoridade pediu a retirada da criança talvez com receio que ela lhe afectasse o seu negócio. Que significa isto? Certamente egoísmo, falta de civismo, etc., etc.

Tudo isto passou-se em frente do Teatro S. Pedro no passado dia 8 do corrente pelas 3 horas da tarde. Quem nos dirá a nós que esta criança não será uma das muitas com pai talvez desempregado?

Fazer-se uma promoção social significa evolução e não é perseguir e

NO TI CI AS

FARMÁCIAS

QUARTA — Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Telefone 920320

QUINTA — Grande Farmácia
Rua 62 n.º 457 — Telefone 920092

SEXTA — Farmácia Teixeira
Rua 10 n.º 46 — Telefone 920352

SABADO — Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Telefone 920331

DOMINGO — Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Telefone 920250

SEGUNDA — Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Telefone 920320

TERÇA — Grande Farmácia
Rua 62 n.º 457 — Telefone 920092

Mare Viva

SEMANARIO

Propriedade:
NASCENTE — Cooperativa de
Acção Cultural, s.c.l

Redacção — Rua 62 n.º 251 - 1.º
Telef. 921621

ESPINHO

Director:

Vitor Sousa

Fizeram este número:

Agostinho Chaves, Ana Maria, António Letra, Augusto Mota, Dário Capela, Fausto Neves, Joaquim Fidalgo, José Cruz, Manuel Loureiro, Morais Gaio e Victor Sousa.

Colaboração especial:

Carlos P. Morais e Departamento Cultural da Nascente

Composição e Impressão
Oficinas Gráficas
da Casa Nun'Alvares — Porto

Grijó

GRUPO BENEFICENTE DE GRIJÓ

no lugar da Póvoa, 56 anos de teatro

É fazer justiça trazer para o domínio público as iniciativas populares que por toda esta região desabrocham, se organizam em grupos de lugar, de bairro, persistindo num esforço contínuo, lutando com os seus meios limitados contra o isolamento cultural a que foram condenados.

São pequenas associações, clubes, grupos, que não têm apoios, não têm subsídios, mas que conseguem vingar acarinhados pelas populações que os geram. De quando em quando, conseguem quebrar esse isolamento, levar a sua voz até outras gentes, trazer até si o resultado do esforço de outros que, como eles, permanecem ignorados das grandes massas que consomem «cultura» fornecida em doses industriais.

Considera o «Maré Viva» que é importante divulgar a actividade desses grupos e dar assim o seu contributo para que esses esforços isolados sejam apreciados e retribuídos. Na coordenação de todas essas iniciativas se poderá forjar uma cultura popular, que tarda em ser encontrada.

Desta vez demos um salto a Grijó. Mais propriamente ao lugar da Póvoa onde vive desde 1921 o Grupo Beneficente — «Os Amigos dos Pobres de Grijó». Da designação do Grupo transparecem os objectivos beneficentes da sua existência. Apesar das dívidas que não consegue evitar, há no Grupo um sentido de justiça social que o leva a não abdicar desse propósito, apesar de todas as dificuldades.

Foi-nos dito isto inicialmente pelo sr. Manuel Couto, sócio activo do grupo há longos anos e actual presidente da secção de Columbofilia do Grupo.

Sim, é verdade. Muito recentemente, a columbofilia foi apoiada pelo Grupo, o que se justifica, dado o número considerável de columbófilos que vivem no lugar.

Mas é o Teatro que tem servido de base à actividade do Grupo. Com altos e baixos, naturalmente, o Tea-

tro tem constituído uma presença activa e tornou-se já um hábito para os moradores da Póvoa.

Chegou a ter há muitos anos, a oportunidade de actuar no já desaparecido Teatro Aliança, em Espinho, com uma adaptação para o Teatro da «Tosca» de Puccini. O Cine-Teatro de Gaia já serviu também de palco aos amadores do Grupo.

De momento, está em cena uma revista musicada, «As Quatro Estações», que já se deslocou à Murtoza, a Arcozelo e a Anta. Trata-se, segundo nos disse o sr. Manuel Couto, duma revista satírica, com mais de duas dezenas de quadros e que tem tido grande aceitação, quer em Grijó (vai-se fazer terceiro espectáculo no Salão Paroquial), quer fora da freguesia.

Os ensaios e algumas representações fazem-se na sede do Grupo, um edifício razoavelmente apetrechado e que em tempos foi construído e alugado simbolicamente ao Grupo pelo pai do nosso entrevistado.

A sala de espectáculos comporta cerca de duzentas pessoas sentadas e é lá que a «Nascente», no dia 23, vai passar um filme de Jerry Lewis, no seguimento do que tem feito em outras freguesias e desta feita, naturalmente, com a colaboração do Grupo Beneficente de Grijó.

Voltando ao Grupo de Teatro. São mais de vinte trabalhadores do lugar da Póvoa, que ensaiam por si, sem a orientação de qualquer encenador mais experiente. Houve sim, em tempos, alguém mais conhecedor de Teatro que legou alguma da sua experiência aos actores, que agora a utilizam o melhor possível.

Da vitalidade deste grupo de entusiastas pelo Teatro fala o êxito da sua actividade actual e os seus projectos, já adiantados, para levar à cena uma nova peça.

Desde já fica o «Maré Viva» à disposição deste e doutros grupos para a cobertura das suas iniciativas culturais ou outras que por certo merecerão todo o interesse.

De semana a semana

Quem semeia ventos...

(Continuação da 1.ª página)

sões internacionais no sentido de se vir a concretizar a desejada aliança PS-PSD, a nível de Governo.

Sendo assim, parece-nos que o descabelado ataque que Sá Carneiro fez ao Partido Socialista foi um desastroso erro político que permitirá, aos adversários dessa aliança, nivelar, pela sua estatura física, a estatura política do presidente do PSD.

Mas o mais grave, porém, de tudo isto é a verificação que nos é dado fazer de que o futuro de Portugal, como vem acontecendo logo desde o 25 de Abril, continua a ser comprometido no estrangeiro por quem não se encontra mandatado para o fazer pelo povo português, único legítimo dono deste país.

Têm sido gravíssimas, e continuarão a sê-lo, para a economia as finanças e a independência de Portugal as consequências de tais actuações no exterior. O dr. Mário Soares sabe-o melhor que ninguém; sabe-o por experiência própria.

E o dr. Sá Carneiro, se não estava apenas interessado em entrar para o Governo para dele se demitir, abrindo uma crise de gravíssimas consequências para a democracia, tinha obrigação de compreender que as dificuldades que estava a criar para o País acabariam por recair, em boa parte, sobre os seus próprios ombros. E, do exemplo que o actual primeiro-ministro constituiu, deveria ter capacidade para concluir que «quem semeia ventos, tempestades colhe».

CÂMARA MUNICIPAL

Divisão de tarefas

(Continuação da 1.ª página)

António Ferreira Gaio — Limpeza, Higiene e Piscina;
Armando Nogueira da Silva — Mercados, Feira e Lota;
João Brandão Barbosa — Obras;
Manuel Alberto Veiga Ribeiro — Turismo.

Foram ainda distribuídos mais cargos, segundo o que determina o Código Administrativo. A saber:

Presidente da Comissão Municipal de Trânsito — Manuel Alberto Veiga Ribeiro;
Presidente da Comissão de Arte e Arqueologia — António Ferreira Gaio;
Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados — Artur Pereira Bártolo e António Ferreira Gaio (que mantém os seus lugares) e João Brandão Barbosa.

Repartidas as tarefas, a esperança

CASA

TRANSMONTANA

ALMOÇOS E JANTARES

Especialidade em Bacalhau à Transmontana e Rojões à Portuguesa
LANCHES VARIADOS
Serve-se o melhor vinho de Rio Maior
Avenida 8 n.º 774 ESPINHO

CAFÉ E RESTAURANTE

COPÉLIA

Almoços e Jantares — Serviço à lista

Especializado em Casamentos e Baptizados — Grande variedade de Petiscos
Rua 23 n.º 808 — ESPINHO

de vermos os problemas do concelho de Espinho resolvidos de acordo com os interesses da maioria da população.

Ataque à Igreja de Lourosa

(Conclusão da 1.ª página)

inglório de duas filhas do povo desta terra no arraial em 1964».

«São os mesmos que depois passaram a atacar os cristãos mais conscientes e mais tarde o padre Joaquim através de panfletos caluniosos que provocaram a sua morte prematura».

E noutro passo acrescenta a circular: «Passada esta fase voltou de uma forma mais furiosa e descarada a perseguição religiosa: agressão ao padre José Rodrigues, calúnias à equipa de padres e aos cristãos».

«Mais recentemente, lá voltaram, eles, desta vez foi o ataque ao Infância, obra ao serviço das crianças, filhas dos trabalhadores que os mesmos senhores nunca viram com bons olhos e tudo fizeram para que ele não abrisse só porque não são eles a mandar».

O ataque à igreja foi «com o objectivo criminoso de pôr o Povo um contra o outro e eles como sempre ficaram a rir-se e a dizer: "isso não é nada connosco, nós o que queremos é a unidade, a democracia"».

Em entrevista concedida ao «Jornal de Notícias», aqueles que fecharam a igreja afirmam como razão o não querer que lá dentro se fale de explorados e exploradores, da luta

de classes. Que lá se prega contra os patrões.

Não conseguem ter a Igreja como cobertura da sua vida anti-evangélica, bem conhecida do Povo da terra. A Igreja local aparece como anunciadora de uma boa nova de libertação para os homens e anunciadora da injustiça e da opressão que o Povo corticeiro nesta zona sente.

Para os padres da zona, anunciar o Evangelho não é alienação. É COMUNICAÇÃO DE VIDA NOVA para o Povo. É o incarnar da Palavra de Deus vivo na vida concreta dos Homens. E isso provoca choque.

Os cristãos continuam nesta zona com esperança de que as autoridades civis cumpram a Constituição da República Portuguesa no disposto no artigo 41.º sobre a liberdade religiosa.

Neste momento com um abaixo assinado entre os cristãos para exigirem medidas convenientes. É dirigido ao Bispo do Porto com conhecimento às autoridades civis.

Através destes conflitos vai o Povo abrindo os olhos, despertando da longa noite, vai tomando consciência da sua dignidade e valor.

F. C.

Guetim

Comissão Eleitoral Independente da Freguesia de Guetim

A fim de dar cumprimento ao n.º 1 do artigo 65.º do Decreto-Lei n.º 701-B/76, de 29 de Setembro, a CEIFG passa a apresentar as contas discriminadas, que teve na candidatura e campanha eleitoral:

1. Drograria Central (Espinho) factura n.º 960 de 30.11.76 (2 latas de tinta) — 65\$00;
2. Papelaria Azevedo, Lda. (Porto) venda a dinheiro de 06.12.76 (20 metros de papel) — 130\$00;
3. Tipografia Meneses (Espinho) factura n.º 1195 de 11.12.76 (manifestos e outros impressos) — 1.485\$00;

Despesas documentadas — 1.675\$00

Diversas despesas não documentadas como: panos, tinta, pincéis, pregos, pioneses, fios, ripas de madeira, tábuas, cartão, etc. — 1.620\$00.

Total das despesas — 3.295\$00.

A RECEITA para cobrir estas DESPESAS, foi conseguida por meio de uma angariação de fundos, através de um sorteio levado a efeito de 01 a 06 de Janeiro de 1977.

Assim satisfaz-se o legislado, pelo que assino,

Pe'l'O Mandatário,
António Soares Godinho

A Vigorosa dos trabalhadores avança

Na devida altura, o «Maré Viva» deu a devida cobertura à luta dos trabalhadores de «A Vigorosa», que acabou por se saldar por uma vitória face à recusa do patrão em pagar os salários que estipulava a portaria para os Metalúrgicos. Com o posterior abandono da empresa pelo patrão, os trabalhadores conseguiram reunir o apoio de trabalhadores de outras empresas e obter do Ministério do Trabalho as credenciais necessárias para continuarem com a laboração e garantir assim os seus postos de trabalho.

Da luta dos trabalhadores pela sobrevivência da empresa e portanto dos seus postos de trabalho, demos já uma pequena notícia, onde se dava conta do avanço positivo da gestão dos trabalhadores. O «Maré Viva», fazendo questão de dar o devido relevo ao esforço e capacidade dos trabalhadores em tomarem nas suas mãos o seu futuro, contactou com alguns elementos da Comissão de Trabalhadores de «A Vigorosa», que não se escusaram a relatar o modo como corre a nova vida da empresa.

Começámos por inquirir sobre a situação financeira da empresa e referimo-nos às dívidas herdadas.

C.T. — Das dívidas do ex-patrão, os trabalhadores já conseguiram, depois que começaram a gerir a empresa, liquidar algumas contas a outras empresas que, em parte, se recusavam a fornecer matéria-prima para a laboração. Os trabalhadores, além disso, pagam 8.500\$00 ao ex-patrão de renda por metade da fábrica que ainda lhe pertence.

M.V. — E que se passa quanto aos níveis de produção?

C.T. — A produção tem aumentado, a ponto de se ter de admitir novos empregados para fazer face às encomendas. Já foram admitidos 12 novos trabalhadores.

M.V. — Sabemos que o ex-patrão se recusou a cumprir a portaria. O que se passa na «Vigorosa» quanto a salários? Estão a cumprir a portaria? Houve dificuldades no pagamento do 13.º mês?

C.T. — No que diz respeito aos salários, começamos a ser pagos conforme a portaria regulamenta, e para isso, foi necessário aumentar todos os trabalhadores numa média superior a dois mil escudos. Nós tomámos conta da empresa em 28 de Junho e já em Julho os trabalhadores receberam os salários actualizados.

Isto tudo, apesar do ex-patrão comprar nessa altura o alumínio a 36 escudos e nós hoje já o compramos a 63 escudos. Mas não só o alumínio subiu. Também o resto do material subiu quase todo na média dos 90 por cento. Continuamos entretanto, a vender os nossos produtos ao mesmo preço que o ex-patrão os vendia. Claro que se isto assim continuar teremos de subir os nossos produtos. Mas o que se fez até agora já chega para provar que não era impossível darem-nos aquilo que pedíamos e a que tínhamos direito.

M.V. — O aumento de produção que referiram significa que não houve quebra no volume de encomendas. Querá isso dizer que não houve o boicote de certas empresas que se temia.

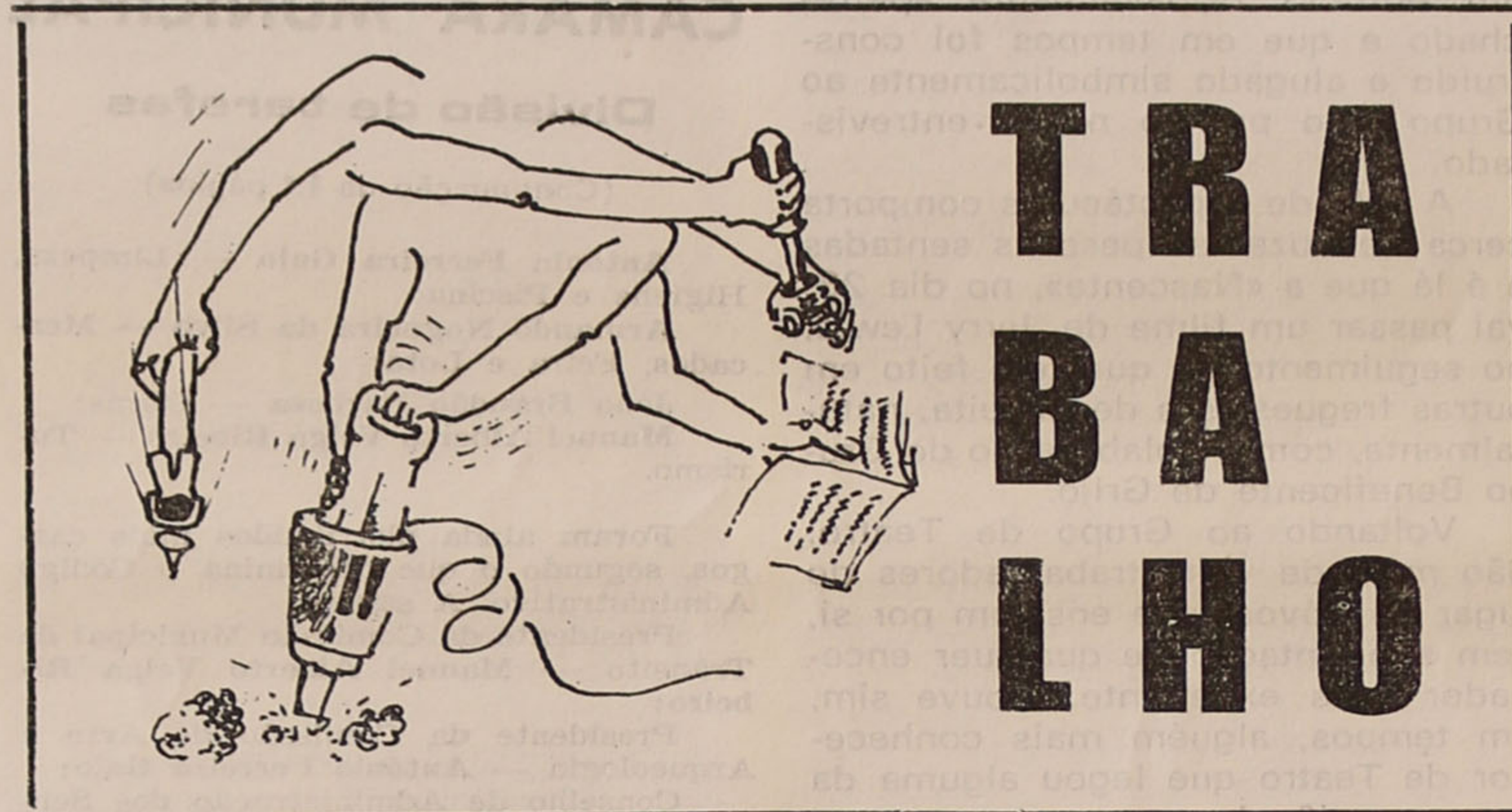
C.T. — O volume de encomendas aumentou consideravelmente a ponto de

estarmos a pensar em admitir ainda mais pessoal. Apesar do ex-patrão nos ter deixado algumas máquinas avariadas, o material continua a ser feito.

Dificuldades por parte de outras empresas não temos tido, já que compramos a pronto e vendemos também a pronto. Só uma empresa do Porto, a «Joani», que nos fornecia asas de baquelite deixou de nos fornecer, dizendo que as asas de baquelite tinham patente dele e que não as podíamos utilizar. Tivemos que mudar para umas asas inox feitas cá que têm tido bastante saída no mercado. Não é isto que nos esmorece, pois sabemos que o dono da «Joani» e o ex-patrão de cá eram e são bastante amigos e deve ter sido entre eles que cozinham esta atitude.

Quando ao resto temos tudo assegurado e quando às vezes é preciso acabar obra para entregar, aos sábados e domingos dá-se um jeito.

M.V. — Consta que os trabalhadores da empresa têm tido uma acção me-



ritória no auxílio a trabalhadores de outras empresas.

C.T. — Exactamente, os trabalhadores cá da empresa não podiam esquecer os seus camaradas que noutras empresas lutam com dificuldades. Por isso, quando nos procuram para os ajudarmos, fazemos uma subscrição na fábrica e é entregue a esses trabalhadores. Já contribuimos para os trabalhadores das tapeçarias «Pereira Alves» e outros. E estamos dispostos, sempre que necessário, a dar uma ajuda que, não

577/76, A portaria

Proveniente da Secretaria de Estado da Segurança Social publicou o «Diário da República» uma portaria (577/76), que estabelece novas pensões de invalidez e velhice que pas-sam de 500\$00 a 900\$00 e 600\$00 mensais, «consoante se trate de pensionistas do sexo masculino ou feminino, respectivamente».

Detentor de uma Constituição que afirma a igualdade de direitos e deveres dos cidadãos, sem discriminação de sexo, que consagra o direito à

segurança social na terceira idade, que viu aplaudir de pé na Assembleia, o Povo português vê surgir, estupefacto, uma portaria que fere pela discriminação, pelo divisionismo, pela injustiça gritante. É anti-constitucional, é absurda, é humilhante, é anti-socialista.

Vozes indignadas se têm levantado contra esta clara violação da lei fundamental do País, inclusive na Assembleia da República. No deserto? Esperemos que não.

sendo muita, sempre lhes pode garantir o sustento da família.

M.V. — Fala-se já de um saldo no banco...

C.T. — Sim, é verdade. É um saldo que não é grande, mas que nos garante as nossas compras e salários. É

tivemos no Ministério do Trabalho, mas nada foi adiantado.

M.V. — Em que moldes funciona a Comissão de Trabalhadores? Como se reúnem com os trabalhadores e quais as relações de trabalho?

C.T. — A Comissão de Trabalhadores reúne sempre que ache necessário, toma resoluções as quais são comunicadas ao resto do pessoal em reuniões para que todos as conheçam e as decisões venham ao encontro das ambições da maioria. Estas reuniões com os operários têm-se vindo a verificar, em média, duas vezes por mês, ou mais, conforme for necessário, mas sempre tentando não prejudicar a produção. Existem ainda uns quadros que podem ser consultados pelos trabalhadores estando estes sempre elucidados de tudo o que se passa.

M.V. — Há alguma coisa que queiram dizer mais aos leitores?

C.T. — Especula-se para aí que nós, quando tomámos conta da empresa, existiam no armazém uns caixotes destinados às ex-províncias ultramarinas os quais teriam sido abertos e vendidos pelos trabalhadores. Pois isso é pura mentira, pois eles ainda cá se encontram intactos e aos olhos de toda a gente que cá queira vir vê-los.

M.V. — Têm tido muitos problemas?

C.T. — Tivemos alguns, em parte provocados pelo ex-patrão, mas aos quais respondemos combatendo-os firmemente, e continuando a trabalhar para garantirmos os salários e o pão dos nossos filhos.

LIVROS NOVOS

De «Iniciativas Editoriais, Lda», recebemos os seguintes livros:

— «A divisão capitalista do trabalho», de Panzieri, De Palma, Salvati, Becalli, Lettieri e A. Gorz. Este livro pertence à colecção Século XX/XXI e é uma antologia de textos de variados autores. Aqui são focados muitos aspectos de indelével actualidade, tais como a organização capitalista do trabalho segundo Karl Marx, a utilização capitalista da máquina, a divisão do trabalho, capitalismo, socialismo e utopia, os horários de trabalho, técnicos e especialistas e luta de classes, etc. Vários autores num trabalho sério e com interesse.

— «História da Revolução Russa», de Marcel Liebman (3 volumes). Mais um título da colecção Século XX/XXI.

É uma obra de tomo, bastante desenvolvida como se poderá adivinhar pelos seus 3 volumes, dedicada fundamentalmente à descrição e análise desse acontecimento importantíssimo da história mundial contemporânea que foi a Revolução de Outubro de 1917 na Rússia. Marcel Liebman não se limita ao relato vivo dos factos mas procura também analisar as forças sociais e políticas em confronto, assim como todo o processo que culminou com a Revolução de Outubro. Período complexo e difícil, este livro procura ser um contributo importante para o aclarar dos aspectos menos evidentes.

— «Teoria e prática da guerrilha», de Robert Taber. Este é ainda um título da colecção Século XX/XXI. Tema aliciente à primeira vista, única hipótese revolucionária segundo uns, projecto

utópico e romântico segundo outros, uma realidade dos nossos dias pelo menos. Com particular relevo nos países do Terceiro Mundo (lembramos a América Latina, lembramos a luta tremenda dos movimentos de libertação nas ex-colónias portuguesas), a guerrilha tem hoje uma certa dimensão, já como forma exclusiva de luta, já como complemento de operações militares convencionais. Tema controverso, à volta do qual se dividem as opiniões, talvez justifique numa leitura reflectida.

J. PINHEIRO DE MORAES

CLINICA GERAL

Rua 20 n.º 390 — Telef. 920452

Cartas ao Director

Em relação à notícia da Conferência de Imprensa do Grupo de Trabalho Estudantil do Liceu Nacional de Espinho recebemos uma carta de um ex-elemento da Comissão Directiva do mesmo estabelecimento de ensino que passamos a citar:

«Tem esta carta por finalidade esclarecer alguns pontos que me parecem importantes e que a leitura da vossa notícia inserta no «Maré Viva» de 5-1-77 pode induzir em confusão alguns leitores.

Já há algumas semanas «Maré Viva» historiou a acção dos nazi-fascistas no Liceu numa das suas últimas páginas, na rubrica «Dossier». Com efeito, tais provocações começaram em Abril passado, numa altura em que a Comissão Directiva estava completa no número dos seus elementos.

Nessa altura, se o nazismo não passou, isso foi devido a dois factores, aliás equacionados no «Dossier» a que atrás nos referimos: a acção decidida e rápida dos estudantes e dos professores progressistas (mais os primeiros do que os segundos, diga-se de passagem) e a posição enérgica da Comissão de Gestão que tomou algumas decisões (arranque de cartazes provocatórios, proibição de utilização de duas vitrinas por parte dos alunos nazi-fascistas que as haviam usurpado, reuniões de emergência, etc.).

Todavia, sabemos-lo bem, os fascistas são teimosos e hábeis. Perante a resposta que, nessa altura, lhes foi dada, recuaram estrategicamente, passaram a actuar de forma velada, aguardando a ocasião própria para nova (se possível eficaz) investida.

Ora (e este ponto parece-me importante), a partir de 1 de Novembro, a situação na Comissão de Gestão passou a ser «apenas» esta: todos os seus elementos colocados noutras escolas e apenas a permanecer no Liceu o Presidente da Comissão Directiva! Ou seja: a Comissão de Gestão ficou reduzida ao seu Presidente o que equivale a dizer que não havia Comissão de Gestão, pois não se admite uma «comissão» formada apenas por uma pessoa! É bem certo que então houvera eleições para a nova Comissão de Gestão, apesar de esta ter sido eleita «a ferros» e com fraca representatividade em relação à comunidade escolar.

Mas o certo é que a homologação da mesma foi tardando e não havia ainda tomado posse aquando dos incidentes de 11 e 19 de Novembro.

Foi precisamente esse facto que os fascistas souberam aproveitar. Quando eles atacaram sabiam que não havia oposição aos seus desígnios por parte de uma Gestão praticamente inexistente.

É por isso que quando a notícia do «Maré Viva» diz que «a Comissão de Gestão optou por tentativas inconsequentes de conciliação em lugar de tomar uma posição enérgica face ao ataque fascista» ou «a Comissão de Gestão acedeu (ao controlo das entradas) quando os alunos já tomavam a seu cargo essa tarefa de vigilância» os leitores possam ter sido induzidos em erro.

Daí a razão desta carta. Realmente, não havia Comissão de Gestão. Havia apenas o Presiden-

MARÉ-RUA

A propósito de um «juízo»...

Já muito se escreveu e disse sobre os já «célebres» julgamentos de pides, «celebridade» essa que veio a culminar (pelo menos até hoje; é possível que venham julgamentos ainda mais escandalosos, pelos vistos...) com a sentença dada pelos tribunais ao assassino do escultor antifascista Dias Coelho, morto à queima-roupa, indefeso. O resto já toda a gente sabe: três anos e meio de prisão para o «pobre diabo».

Comentários, venham eles:

«Não há dúvidas de que em relação a esse tal indivíduo condenado a três anos e meio de prisão, foi benevolência a mais. Temos que condenar a PIDE e, juntamente com ela, o fascismo, apesar de parte dos elementos de ambas estarem no Brasil e em outros locais. E não podemos admitir também, (como já se admitiu) indivíduos, que, ocupando lugares importantes governamentais, tivessem tido complicitade e ligações com a PIDE, especialmente durante a guerra colonial nos cargos de chefia em Angola e noutras colónias. Não vale a pena citar nomes...»

É necessário que todos estes indivíduos sejam convenientemente julgados para que todos nós possamos andar na rua sossegados e o índice de criminalidade diminua com o enclausuramento de todos esses assassinos que andam à solta.»

José Ferreira, técnico de máquinas.

Procurámos novos depoimentos de outro tipo de classe: a es-

tudantil. Eis a opinião de um dos seus membros:

«Mais uma vez se demonstra que os tribunais portugueses estão comprometidos com o fascismo. E assim não admira que não se julguem nem se condenem a si próprios.»

João Paulo Barrosa, estudante.

Sobre o assunto ouvimos ainda mais pessoas. E pelos vistos não encontramos quem se pronuncie a favor da sentença. Será que as «maiorias» continuarão a ter o tal peso que lhes prometeram dar?

Aqui vão mais algumas palavras sobre a questão:

«Acho que isto está muito mal. É necessário que se julguem os pides e, conjuntamente, todo o Governo anterior ao 25 de Abril conforme as atitudes por ambos tomadas. E julgamento não só para os agentes, mas para todos os que por trás deles se encontravam — os chefes, responsáveis principais de todos os crimes praticados.»

António Silva Rola, mecânico de automóveis.

Para terminarmos tentamos ouvir uma opinião do sector feminino, pois não podíamos deixar de lembrar o papel importante desempenhado por uma mulher em todo este processo do assassinato de Dias Coelho e julgamento do seu assassino. Margarida Tengar-

rinha, não o esqueçamos, foi quem, através de todos estes tempos manteve viva a «chama» que Dias Coelho acendera. E agora é ela que esteve e estará de novo (pois recorreu da sentença) no banco dos tribunais acusando a PIDE, acusando o fascismo.

Mas passemos ao depoimento feminino que obtivemos:

«Acho que foi um atentado contra a democracia. Daqui se retira que se uma pessoa que, não tendo pão por exemplo, cai na desgraça de cometer um crime — assalto e (ou) eventualmente assassine mesmo, em condições muito especiais, — é detida por muitos anos. Este pido, entretanto, que matou, torturou e neste caso assassinou barbaramente, é sentenciado quase que simbolicamente, dada a gravidade do seu crime.

É lamentável que o Governo não pressione para que todos eles sejam julgados convenientemente.»

Margarida Azevedo, estudante.

Abstemo-nos de fazer mais qualquer espécie de comentários. A opinião geral do Povo Português cremos estar já formada. Mas infelizmente não é ele, ou pelo menos, os seus representantes que julgam, que condenam.

Será que a indignação de todos nós não chega a ouvir-se nos bancos do tribunal de Santa Clara ou nos de todos os outros em que foram e serão julgados os carcosos e torcionários do Povo Português?

INSÓLITO

Aconteceu em Espinho em Janeiro de 1977

Contemos o que nos foi dado observar:

1 — Lotaria de Fim de Ano. Preço de cada fracção — 80\$00. Ao custo normal ninguém conseguia adquirir qualquer daqueles «papelinhos». Todavia, eles iam aparecendo, mas ao preço de 200\$00. Quanto à Lotaria dos Reis, foi precisamente a mesma coisa.

2 — Cinema do Casino de Espinho. Filme, «Prostituição Clandestina». A abertura da bilheteira para a sessão da noite efectuou-se, como habitualmente, às 19,30 e passado pouco — 10/20 minutos — a lotação estava esgotada. Pouco

te da Comissão Directiva que foi incapaz, individualmente, de tomar as posições enérgicas que a Comissão de Gestão anterior por certo teria tomado se ainda estivesse constituída. Só que já não estava!

Com um abraço amigo, por um ensino ao serviço do Povo:

Agostinho Chaves,
ex-elemento da Comissão
de Gestão do L. N. E. em
1975-76.

depois, apareceram à venda bilhetes ao preço de 200\$00, cada. Isto mesmo em frente ao citado cinema.

3 — Domingo de futebol. S. C. Espinho-Riopele. Quatro bilheteiras para venda e somente uma aberta. Numerosa «bicha» de candidatos ao tal «bilhete» e 5 ou 6 guardas da P.S.P. a assistir a esse «negócio». Ao lado, numerosos vendedores da mesma «mercadoria» a ganhar algum, pois, por cada bilhete, cobram mais ou menos a mais 5\$00/10\$00, conforme há muito ou pouca procura.

Contrariamente, porém, na laboriosa e progressiva Santa Maria de Lamas, não só todas as bilheteiras se encontram sempre a funcionar, como até os próprios directores do Clube vendem, eles próprios, os bilhetes ao preço normal.

Um exemplo que muito honra os responsáveis desportivos daquela localidade vizinha.

Realidades a que eu assisti em Janeiro de 1977.

Fernando José da Costa Gomes

Jazz

MILLIKIN
UNIVERSITY
JAZZ LAB
BAND

Domingo, 23
às 21,30 horas

NO PAVILHÃO
DA ACADÉMICA

Entrada 20\$00

A receita reverte
a favor da

CERCIESPINHO

Patrocínio da Comissão
de Festas de Espinho e
dos Serviços Culturais do
Consulado Americano
no Porto

Cartório Notarial de Espinho

A cargo da notária Lic.:

Maria Fernanda de Vasconcelos Aguiar da Fonseca e Castro

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 31 de Dezembro de 1976, lavrada de folhas 36 verso a 38 verso do livro de notas para escrituras diversas D-Número 17, deste cartório notarial de Espinho, NORBERTO BATISTA ALVES cedeu a sua quota de 100.000\$00 que possuía na sociedade comercial por quotas sob a firma «MOREIRA, ALVES & LOURO, LIMITADA», com sede e estabelecimento no lugar de Formal, freguesia de Silvalde, deste concelho, a ALBERTO AUGUSTO SILVA, desligando-se da sociedade e renunciando, em consequência, às suas funções de gerente.

Que, pela mesma escritura, ARNALDO AUGUSTO TRANCHETE e ARNALDO AUGUSTO DA COSTA dividiram, cada um deles, as suas quotas de 100.000\$00 que cada um deles possuía na referida sociedade, em duas de 50.000\$00 cada uma delas, e cederam, o primeiro Arnaldo Augusto Tranchete ao referido Alberto Augusto Silva e a Jerónimo da Silva Moreira, e o segundo Arnaldo Augusto da Costa a Manuel Antero da Conceição Saraiva Louro e a Antenor Raul da Silva Capela, desligando-se, ambos, da sociedade e renunciando, ambos, das suas funções de gerentes.

E que, unificadas as quotas, também pela mesma escritura, foi alterada a redacção dos artigos primeiro e terceiro do pacto social, que ficam redigidos como segue:

Primeiro — A sociedade adopta a firma de «MOREIRA, SILVA, CAPELA & LOURO, LIMITADA», tem a sua sede e estabelecimento no Lugar de Formal, freguesia de Silvalde, deste concelho de Espinho, e a sua duração é por tempo indeterminado, tendo o seu início a partir da data da sua constituição.

Terceiro — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 600.000\$00 e corresponde à soma de quatro quotas iguais de 150.000\$00 cada uma, pertencentes uma a cada um deles quatro sócios. Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 3 de Janeiro de 1977.

O Ajudante do Cartório,
(a) José dos Santos Sil

MOREIRA DA COSTA

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520.1.º — Telef. 921014

PINTO DE MATOS

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

Rua 19 n.º 364.1.º — Telef. 921218
ESPINHO

AGOSTINHO PEDROSA

MÉDICO ESPECIALISTA EM
DOENÇAS DA CRIANÇA

Consultas todos os dias úteis desde as 15 horas. Consultório: Rua 19 N.º 343 Sala B — Telef. 920634 — ESPINHO — Resid.: Telef. 9620795

Pintura de Automóveis

com RAPIDEZ e PERFEIÇÃO

Alzira Pereira de Azevedo

GARAGENS: ABEL — SOUSA
— S. PEDRO

TALHO e Charcutaria CENTRAL

Servir bem — Boas carnes

Rua 15 n.º 268 — ESPINHO

CASA LUISA NOGUEIRA

João César da Costa

DEPÓSITO DE FRUTAS ★ VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua 16 n.º 750 ESPINHO Telef. 920304

BAPTISTA

Móveis e Decorações

Rua 20 n.º 528 ESPINHO

Reparações em instalações eléctricas e em todos os electrodomésticos

ELECTRO PRONTO

MIRANDA & LEITE, LDA

VENDA DE TODO O MATERIAL ELECTRODOMESTICO E DE BAIXA TENSÃO

Rua 18 n.º 955 Telef. 923259 ESPINHO

Empresa Gráfica de Seixezelo

DE

Cardoso & Valentim, Lda.

APARTADO 13 SEIXEZELO ARGONCILHE

Dez tostões são dez tostões...

(Continuação da 1.ª página)

porque aqui há-de haver gato. Estes senhores não podem ter todos razão ao mesmo tempo. Ou a lei não é suficientemente explícita, permitindo interpretações diversas, ou então aproveitam-se do nosso desconhecimento.

A especulação nos preços é mal antigo e um pouco generalizado. Na sua base muitas vezes está uma informação insuficiente. Nós não conhecemos as leis. Não as conhecemos nos seus termos exactos, não temos quem no-las diga e explique constantemente, para podermos defender-nos.

Entretanto, às vezes sabemos que temos razão e não protestamos. Ou por vergonha, ou por não quererem incomodar-nos, ou por não sabermos a quem nos dirigir para apresentar queixa. E acabamos por pagar, e calar e... tudo continua como dantes, com os preços a oscilarem sempre que a desonestidade de alguns comerciantes entende ser boa altura.

Estamos pouco habituados a ver

respeitados os nossos direitos. Estamos habituados a deixar-nos calcar. A fiscalização é insuficiente. Que diabo, já não nos basta a inflação? A alta do custo de vida? Porque é que teremos de pagar a 200\$00 a carne que é de 140\$00? «E é pegar ou largar; se não quer, há muito quem queira e paga o que se pedir». E por causa desses pagamos nós todos.

Remédio para isto?

Era bom arranjar, era. Mas não é fácil. Em tempos falava-se de Comissões de Moradores, de Comissões de Consumidores, de Cooperativas de Consumo, de defesa do consumidor... Agora parece que a linguagem já é um bocado outra.

De qualquer maneira, toda a solução será impraticável se não começarmos pela nossa consciencialização. Se não começarmos por uma coisa simples: coragem para dizer «não pago!» e avisar quem de direito, quando houver a certeza de estarmos a ser levados... Mas todos. Porque, se houver quem continue a pagar a qualquer preço, nada feito...

DESPORTO

HÓQUEI EM PATINS

Taça de Portugal

Escola Livre, 2 — AAE, 7

Torneio de Abertura de Infantis

Carvalhos, 3 — AAE, 2

Decorreu no passado fim de semana mais uma eliminatória da Taça de Portugal onde a AAE não teve dificuldades em levar de vencida a equipa da Escola Li-

vre que está na 2.ª divisão. Daqui para a frente a taça já terá mais interesse pois as equipas apuradas dão uma garantia de qualidade para as eliminatórias que faltam disputar.

Outro jogo importante era o que opunha as equipas de infantis da AAE e dos Carvalhos, que são os dois melhores conjuntos da categoria. Os miúdos dos Carvalhos que já haviam vencido o seu antagónico na final do Torneio Francisco Caldeira, voltaram a repetir o êxito, apesar da boa réplica dos espinhenses.

VOLEIBOL

Campeonatos Nacionais da 1.ª Divisão

Seniores Masculinos

SCE, 0 — Porto, 3
SCE, 3 — Académica de Coimbra, 0

Seniores Femininos

SCE, 0 — CDUP, 3
SCE, 3 — Vila Real, 2

Campeonatos Nacionais da 2.ª Divisão

Seniores Masculinos

Fiães, 0 — AAE, 3

Seniores Femininos

Esmoriz, 0 — AAE, 3
AAE, 1 — Carvalhos, 3

Campeonato Regional de Juvenis

AAE, 1 — Esmoriz, 3
Madalena, 1 — AAE, 3

Da 1.ª jornada dos nacionais das 1.ª e 2.ª divisões avultava pelo seu interesse o encontro que opôs o SCE ao F. C. do Porto, qualquer delas equipa com pretensões aos lugares cimeiros do respectivo campeonato. Ora, essa expectativa que rodeava a partida acabou de certo modo por ser gorada dada a forma categórica como os azuis-e-brancos se impuseram ao seu adversário, vencendo por 3-0 com

parciais de 15-12, 15-10 e 15-9. Os espinhenses estiveram bastante abaixo do que seria de esperar já que a única vez que tiveram o marcador a seu favor foi no 1.º set em que estiveram a vencer por 9-0, acabando no entanto por perdê-lo. O ponto fraco do SCE foi mais uma vez a recepção que saindo quase sempre mal, não possibilitava aos levantadores efectuarem bons passes para a jogada de ataque fosse vitoriosa. Por tudo isto, os portistas que começaram muito mal, mas corrigiram os erros a tempo, venceram com inteiro mérito.

No domingo os espinhenses venceram sem dificuldades a Académica de Coimbra onde a classe indiscutível de Luís Lucas não consegue resolver todos os problemas.

No nacional secundário a AAE começou da melhor maneira ao vencer o Fiães por 3-0, resultado este que poderá ser o tónico para um campeonato sem os sobressaltos habituais.

No sector feminino há a registar a vitória do SCE sobre o Vila Real, equipa que teoricamente era superior, pois no ano passado tinha ficado em 4.º lugar no nacional, e a derrota da AAE frente aos Carvalhos, equipa que as espinhenses já tinham vencido esta época por duas vezes sem grandes dificuldades.

Finalmente há a assinalar a derrota da AAE frente ao Esmoriz, em Juvenis o que lhe tirou as hipóteses de vencer a série, ficando contudo apurados para a fase final.

Manuel da Feira

Manuel de Oliveira Marques Ferreira

Serviço à lista — Almoços e Jantares — Cozinha Regional Especialidade em frango embridado e Coelho à Beirão

Rua 26 n.º 625 ESPINHO

Quiosque Subterrâneo

JORNAIS — REVISTAS — TABACO

A SUA MÃO

Na passagem sob a via férrea

DESPORTO

FUTEBOL

OUVINDO

Sp. Espinho, 4 — Fafe. 3

As virtudes e os defeitos

SPORTING DE ESPINHO: Quim; Gomes, Pereirinha, Gonçalves I e Raúl; Meireles (Gentil, aos 75 minutos), João Carlos e Gonçalves II; Serrão, Reis e Malagueta (Canelas, aos 83 minutos).

FAFE — Antenor; Lopes, Teixeira, Castro e Leitão; Manuel Duarte, Romão e Valença (Óscar, 75 minutos); Cartuxo (Alvaro, 40 minutos), Edvaldo e Moisés.

Árbitro: Alder Dante.

- 1—0, aos 7 minutos — lançamento precioso de Meireles para Malagueta, que foi à linha centrar como mandam as regras, para Reis à vontade cabecear com êxito.
- 2—0, aos 11 minutos — bola morta na área do Fafe a que Antenor e Serrão não consegue segurar o esférico, que sobrou para o avançado espinhense, sem dificuldades em atirar para a baliza deserta.
- 3—0, aos 16 minutos — falhanço de Teixeira ao pretender aliviar a bola da sua grande área. Serrão mais uma vez oportuníssimo aproveita a deixa e quase sem ângulo, fez um chapéu sobre Antenor que entretanto abandonara a baliza.
- 3—1, aos 22 minutos—Gomes hesita na entrada à bola, é batido e a bola chega a Cartuxo que se isolou dentro da grande área e bateu Quim.
- 4—1, aos 44 minutos — excelente jogada Malagueta que do lado esquerdo flecte para a área, rompe entre três defesas e aplica uma «folha seca» a fazer um belo gol.
- 4—2, aos 46 minutos — à entrada da grande área, Edvaldo ganha dois ressaltos, isola-se e não tem dificuldades bater Quim.
- 4—3, aos 66 minutos — ainda fora da grande área, Romão executa um pontapé que leva a bola a entrar no ângulo superior à esquerda de Quim, que não se fez ao lance.

O resultado deixa isso mesmo a entender: o ataque cumpriu, a defesa ia comprometendo. Na verdade, a linha avançada do Sporting de Espinho fez um belíssimo jogo e revelou grande objectividade, de tal modo que ao quarto de hora da primeira parte, já tinha marcado três golos e construindo lances para outros tantos.

Para este êxito fulgurante contribuiu também a acção diligente do meio-campo e a fragilidade surpreendente da defesa fafeense, com dois centrais verdadeiramente confrangedores.

A mobilidade e sagacidade dos dianteiros espinhenses fez o resto. Malagueta a «carburar», Reis mais rápido e menos estático do que é habitual e Serrão a ir a todas e a conseguir por via disso, dois golos que se haviam de revelar preciosos.

Mas o Fafe não perdeu a cabeça e começou, pouco a pouco, a dominar as acções na intermediária. Foi então a vez da defesa do Espinho revelar uma insegurança pouco vulgar. Gomes fez o pior jogo que lhe vimos no Avenida e começou a ser sistematicamente batido por Valença, um excelente executante. Do outro lado, Raúl nem sempre se saía bem e Pereirinha, contagiado por Gomes, começou a falhar. Até Gonçalves I não estava totalmente impecável, mas foi ele, mesmo assim, quem conseguiu «aguentar o barco».

Com o primeiro golo dos visitantes, a partida caiu num tom menos vivo, com o Fafe a ter mais a bola e o Espinho a criar, apesar de tudo, mais e melhores oportunidades de golo. Foi nesta toada, que Malagueta se «despediu» do jogo, fazendo a sua melhor jogada do desafio e marcando um golo que veio restituir à equipa a confiança que começava a faltar.

Logo na primeira jogada, depois do intervalo, essa confiança foi de novo abalada pelo segundo golo do Fafe. A sensação de reviravolta começou a pairar no Avenida e o terceiro golo tomou essa sensação em ameaça.

Valeu ao Espinho a quebra física do

O engenheiro Arménio Gomes, como todos devem estar recordados, foi escolhido pelo nosso jornal, a propósito do balanço da actividade desportiva em 1976, como o Desportista do Ano. Das razões apontadas para essa classificação o motivo desta conversa.

«Ao destacarem o meu trabalho, está implicitamente a ser sublinhado o esforço conjunto de toda a equipa que constitui a direcção do Departamento de Actividades Amadoras. Não se pode esquecer que a minha actividade não é comparável à dum atleta que ganha uma corrida, porque a actividade que o Sporting de Espinho desenvolveu no campo do desporto amador não dependeu só da minha pessoa, mas de toda uma equipa de dirigentes, de seccionistas, de atletas, que não desistindo a meio do caminho, como é usual verificar-se, continuaram e continuam empenhados na obra que se comprometeram levar a bom termo. E essa obra, esse grande desejo que nos une, consiste em pôr mais gente a fazer desporto, não só como competição, mas como ocupação de tempos livres. Tem que se entender a prática desportiva como a satisfação duma necessidade e não uma mera competição, tendo para isso que se mentalizar os atletas a abandonarem o espírito de campeonite, tão prejudicial, tão doentio.»

Mas é evidente que um trabalho deste género, que envolve mais de 500 atletas, tem as suas dificuldades, os seus obstáculos.

«Encontramos limitações de dois tipos, as de ordem financeira e as relacionadas com instalações para a prática desportiva.

O Departamento é autónomo em relação à Tesouraria do Clube, no que se refere a receitas ordinárias (quotas mensais) e provenientes do futebol. Não tem, portanto, nenhuma receita ordinária, devendo, por conseguinte beneficiar de outras receitas extraordinárias que são cedidas ao Sporting de Espinho, como no caso da Tómbola. A Tómbola apurou cerca de 900 contos, não beneficiando as actividades amadoras de nenhuma percentagem que daí se pudesse retirar. E não havendo uma receita ordinária é impossível fazer uma previsão, impossível abalançarmos no fomento de novas modalidades (caso do «ping-pong»).

Fafe, que não conseguiu manter o mesmo ritmo de jogo. A partida tomou então uma feição incarácterística, com a bola pelo ar, e as duas equipas partidas em duas, dado o afundamento das duas linhas média.

Mesmo assim, a iniciativa de Reis e Serrão ia forjando oportunidades que podiam ter feito descansar mais cedo os adeptos espinhenses. Malagueta acabou por ser substituído, quando já havia «desaparecido» há muito do ataque espinhenses. Se assim não fora, os últimos quinze minutos poderiam ter sido os da consolidação da vantagem espinhense.

«Ao fim e ao cabo, o resultado teve a sua expressão correcta e se o jogo desenvolvido não pôde ser sempre de primeira água, não faltou o condimento: sete golos são sempre sete golos!»

Da arbitragem: quase não se notou, o que não deixa de ser um elogio.

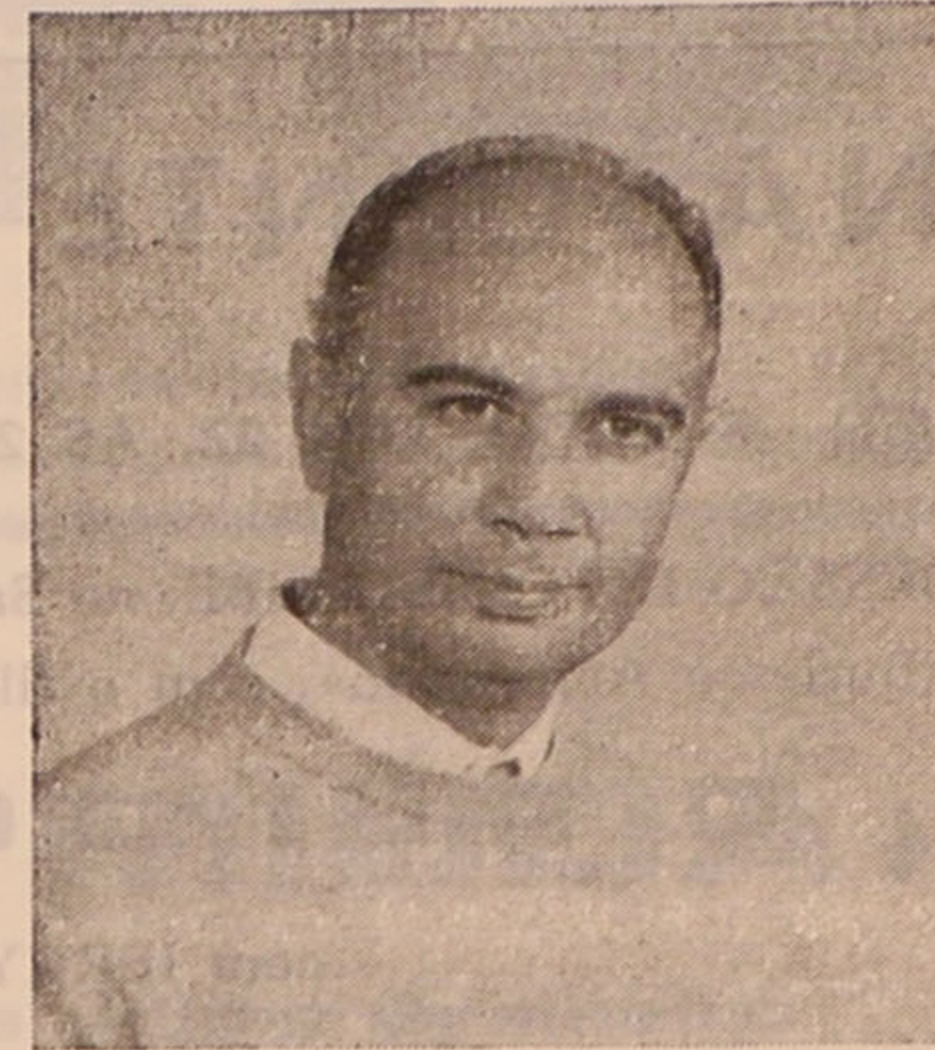
o Eng.º Arménio Gomes

O nosso trabalho tem sido apoiar as modalidades tradicionais, que canalizam as receitas (Ginástica, Voleibol e Andebol) e impulsionar as duas novas modalidades que surgiram em 1976, Badminton e Atletismo. Neste último caso aproveitou-se o despertar que houve para a modalidade, sendo o trabalho realizado após o 25 de Abril de 1974 pela Direcção-Geral de Desportos a nível nacional, e o êxito de Carlos Lopes nos Jogos Olímpicos.

Mas, como referíamos, não existem receitas ordinárias, a não ser a quotização paga pelos ginastas, que é bastante limitada. Daí que a tentativa de arrancar com o Basquetebol feminino tivesse que ser posta de parte por falta de verba. Além das quotas dos ginastas temos as receitas provenientes dos bailes e de outras iniciativas de índole recreativa que são divididas com a Académica de Espinho. Quanto a despesas mensais temos as remunerações dos funcionários do clube (técnicos e empregados do pavilhão) e o salário dum médico que assiste aos nossos atletas todos os dias, uma hora por dia, cifrando-se o total em cerca de 25 contos fixos. Daí a tentativa de criar um núcleo de amigos das actividades amadoras, iniciativa esta começada em Novembro, que pagando uma quota mínima mensal de 20\$00 viesse a colaborar na cobertura dessa despesa fixa.»

Uma despesa para conseguir manter de pé um longo e difícil trabalho de divulgação e prática do desporto. Desporto que em Espinho tem um incremento enorme, movimentando centenas e centenas de jovens, ocupando os pavilhões dos clubes e os pertencentes aos estabelecimentos de ensino. As instalações são exíguas para tão múltipla e dispersa actividade. Estas faltas de instalações afligem a Académica de Espinho e o Sporting.

«Estamos dispersos por cinco pavilhões, o do Clube, os do Liceu, Escola Preparatória e pela sala da sede. Esta dispersão quase obriga a termos que duplicar o material. Por outro lado temos horários limitados, dependentes das actividades dos estabelecimentos de ensino. Vamos procurar resolver o problema com o aumento do Pavilhão (só paredes e cobertura, sem bancada), estando já em fase adiantada o estudo por parte do arquitecto Jorge Moreira da Costa.»



Engenheiro Arménio Gomes

A prática do Desporto e a assistência médica. A urgente necessidade da criação dum centro de Medicina Desportiva em Espinho.

«Aquando da sua visita a Espinho, o Secretário de Estado dos Desportos, Dr. Joaquim de Sousa, não nos deu esperanças nenhuma nesse sentido. No entanto terá reconsiderado pois quando se encontrou com dirigentes da A.A.E., admitiu a hipótese da criação do Centro de Medicina Desportiva, estando já um grupo de médicos (Drs. José Carlos Leitão, Serafim Gomes e Seco Júlio) a trabalhar nesse sentido. Mas põe-se uma questão: este Centro de Medicina reserva-se ao Desporto Federado, e as centenas de crianças que praticam ginástica nos clubes e nas escolas primárias ficam desprotegidas? Ter-se-á que encontrar uma solução urgente para este problema. Outro assunto que se poderia focar era o do desporto destinado aos trabalhadores, questão entregue ao INATEL, que tem lutado com as mais diversificadas limitações. Não seria possível estabelecer um acordo entre este organismo e os clubes, a fim dos trabalhadores, ao fim-de-semana poderem utilizar os recintos desportivos para a prática da ginástica?»

E muitas mais questões se poderiam levantar acerca do que se pensa e do que se pode e se faz em prol do Desporto. As declarações do engenheiro Arménio Gomes, um testemunho de que em Espinho existem pessoas com a intenção de criar as bases para a prática desportiva, extensiva a todas as camadas, desprovida do espírito competitivo, da obsessão das vitórias, do complexo da derrota.

ANDEBOL

Campeonato Regional da 2.ª Divisão (Seniores)

Basquete de Leça, 18—SCE, 21

Com esta vitória sobre o 1.º classificado, os espinhenses ascenderam a essa posição e mostram-se agora como os principais candidatos à vitória final.

MARÉ VIVA
interessa aos
trabalhadores

HÓQUEI EM CAMPO

Seniores

Serzedo, 0 — AAE, 0

Reservas

Lamas, 4 — AAE, 0

FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275
Telef. 920413

ESPINHO

Maré Viva

NASCENTE — ACTIVIDADES

1 SÁBADO, DIA 22, ÀS 21,30 HORAS:

SESSÃO DE CINECLUBE, no Salão da Piscina, início do ciclo «Burlesco Americano», com o filme:

O REI DO LACO

com JERRY LEWIS

2 QUARTA-FEIRA, DIA 26, ÀS 21,30 HORAS:

SESSÃO DE CINECLUBE, no Teatro S. Pedro, com o filme:

«BANANAS»

de WOODY ALLEN

Nota

para a entrada nas sessões de Cineclube, é necessário a cota do mês de Dezembro.

SÁTIRA IRREVERENTE! MALICIOSA!

grupo D 18 anos

escrita, realizada e interpretada por

woody allen

Esta é a Comédia para «descascar»!

se rir é o melhor remédio...

“bananas”

...é a ‘receita’!



United Artists cor de luxe

NASCENTE — CINECLUBE

Ciclo “Burlesco Americano”

Iniciar a actividade cineclubística deste ano com este ciclo não é leviandade nossa.

Pretendemos apenas, servindo-nos do vulgarizado JERRY LEWIS e do menos conhecido WOODY ALLEN, mostrar duas faces duma mesma marca — o cinema cómico.

JERRY LEWIS coloca os seus personagens invariavelmente num mundo de trapalhadas, de ridículo, cria-lhes situações que mercê do absurdo em que se desenrolam, nos obrigam a quebrar a corda que nos amarra à sisudez.

WOODY ALLEN vai mais longe. Consciente da situação em que se

encontra o homem comum americano, diariamente bombardeado pelas mitologias dos meios de comunicação social que constantemente o colocam em plano de inferioridade, exaltando o herói que é sempre o mais forte, o mais belo, o mais saudável e descontraído, WOODY ALLEN consagra o anti-herói e com ele desmonta, desmistifica qualquer tipo de sociedade classista, selectiva, concorrencial.

Veja, comente e dê-nos a sua opinião. Sem a sua colaboração arriscamo-nos a não corresponder àquilo que nos propusemos ao criar o nosso CINECLUBE.

BANDA DESENHADA

4. A “Explosão” das histórias aos quadradinhos

Continuando o nosso «passeio» pela História da Banda Desenhada, chegamos ao início do século, quando as histórias aos quadradinhos «explodem» por acções gigantescas de industrialização nos Estados Unidos da América. Obras realmente importantes como LITTLE NEMO, KRAZY CAT, GATO FÉLIX, POPEYE, FAMILLE ILLICO, etc. É uma época de riqueza inventiva. A Banda Desenhada inicia o seu processo de emancipação. Os desenhadores profissionalizam-se. Criam-se «Syndicates» — agências encarregadas de centralizar as histórias aos quadradinhos e distribuí-las pelas diversas publicações americanas que as publicam.

A Banda Desenhada já não é só amadorismo. Inicialmente local, a

Banda Desenhada começa a ser distribuída internacionalmente.

Entre as agências de distribuição salientam-se três: KING FEATURES SYNDICATE; CHICAGO TRIBUNE DAILY NEWS SYNDICATE e UNITED FEATURES SYNDICATE.

A difusão da Banda Desenhada ganhou assim novos cambiantes. Todavia não se pode dizer o mesmo no que concerne à sua qualidade. Com a preocupação da venda e a de atingir um público muito vasto que consumisse Banda Desenhada, arrastou consigo, necessariamente, um nível inferior.

A SEGUIR:

As primeiras histórias aos quadradinhos de impacto

RASCUNHOS

Isto foi há alguns anos. Quando ainda o Rádio Clube Português não sonhava vir a ser, um dia, a Emissora da Liberdade e muito menos vir a ser alcunhado friamente de Canal-Não-Sei-Quantos-Da-RDP.

Um fulano que frequentava o mesmo café onde eu saboreava as crónicas três bicas diárias contou, a quem quis ouvi-la, a historietta que vou transcrever com aquela fidelidade natural de quem conta um conto e acrescenta, pelo menos, um ponto.

Pois o tal fulano, no sentido de combater a insónia ou de auxiliar o sono, já um pouco depois da meia noite, sintonizou o aparelho de rádio precisamente para o tal Rádio Clube Português. Música, anúncios, o trivial. Mas, de repente, uma voz de locutor aparentemente perturbado anuncia um acontecimento insólito na noite portuguesa. Estaria a atravessar a costa ocidental portuguesa, rumo ao norte, uma enorme mancha luminosa constituída por uma autêntica praga de pirilampos. Em contacto com várias localidades, progressivamente mais ao norte, o locutor volta e meia dava pormenores do

avanzo pirilampico parasetentrião. Até que chega a altura de anunciar que se esperava que, dentro de dez minutos, os pirilampos passaram em frente a Espinho. O nosso homem cobriu o pijama com qualquer agasalho e veio para a janela, olhos postos no horizonte, à espera de ver o fenómeno insólito. De tal modo estava atento que pôde afirmar: «E eu até vi os pirilampos». A finalizar a sua história, afirmaria mais: «Só quando acordei, depois de o sol se levantar, é que me lembrei que estava no dia um de Abril!».

Esta narrativa, que autenticamente ouvi, veio-me ao pensamento há pouco dias quando me apercebi de que imensas pessoas, algumas bem minhas conhecidas, tinham andado, princípios de noites a fio, com os olhos fincados no esplendente «Venus», que tanto teimavam ser um dos tais falados Objectos-Voadores-Não-Identificados, ao ponto de muitos destes observadores afirmarem que o pobre astro tinha movimentos esquisitos e variava de cores com autênticos caprichos femininos.

Carlos P. Morais

FÁBRICA DA BRASILEIRA

ramiro de sá ccutto, lda.

CAIXAS DE CARTÃO CANELADO

Papeis / Embalagens / Artes Gráficas



TELEFONE, 967101

APARTADO 11

S. PAIO DE OLEIROS



PORTE
PAGO

“Maré Viva” O Jornal da Região